

Editorial

Foi bonita a festa, pá
Fiquei contente
Ainda guardo renitente
Um velho cravo para mim
Já murcharam tua festa, pá
Mas certamente
Esqueceram uma semente
Em algum canto de jardim
Sei que há léguas a nos separar
Tanto mar, tanto mar
Sei também quanto é preciso, pá
Navegar, navegar
Canta a primavera, pá
Cá estou carente
Manda novamente
Algum cheirinho de alecrim
(Chico Buarque)

Há vinte anos, as três primeiras turmas da UEMG Barbacena concluíam seus estudos no curso Normal Superior e participavam da formatura inaugural da Unidade. Por motivos óbvios, a conclusão desse processo se confunde com a própria formação da Unidade. Foram essas primeiras alunas e alunos que ensinaram ao grupo de docentes e pesquisadores que se reunia a tornarem-se uma Unidade.

A criação da UEMG Barbacena tinha o objetivo de atender às demandas imediatas de capacitação das professoras e professores do Ensino Fundamental I, as/os quais a partir da Lei de Diretrizes e Bases (LDB) de 1996 precisariam ter curso superior. Uma vez que parte das profissionais atuantes nesse setor possuíam formação técnica de nível médio, passava a ser necessário uma formação complementar.

A falta da diplomação, contudo, não podia se confundir com falta de experiência. Como não existia essa exigência antes, boa parte do público que seria atendido nas primeiras turmas era de profissionais com grande bagagem prática. O desafio fundamental era permitir uma coesão harmônica entre a experiência prática das/os discentes, que buscavam a chancela do diploma, e o olhar teórico das/os docentes pesquisadores, que precisavam abordar a formação a ser trabalhada como um processo respeitoso dos saberes estabelecidos, mas, cioso das complementações possíveis.

“Foi bonita a festa, pá”. Aquilo que se apresentava como desafio, tornou-se o principal ganho para a construção de uma verdadeira Unidade. A universidade construída a partir dessa “festa” não poderia se esquecer dos “cravos” que portaram juntos, discentes e

docentes. Não poderia ser uma Unidade enclausurada em uma torre de marfim, mas precisaria estar sempre disposta em função de um diálogo profícuo com estudantes e comunidade.

Os anos passam, “já murcharam tua festa, pá”. A Unidade não é mais composta pelos mesmos docentes. Os cursos e o público-alvo também não são mais os mesmos. Mas “esqueceram uma semente / em algum canto do jardim”. A vivência conjunta daqueles desafios forjou um jardim em que as sementes seguem eclodindo. Uma Unidade universitária que presa pela relação próxima e dialógica. Abraçando todos os desafios que essa relação sempre vai criar.

Aquelas primeiras turmas ensinaram muito mais do que poderíamos retribuir. Mais do que celebrar os vinte anos de sua formatura, celebramos a nossa formação conjunta. Celebramos as “sementes” deixadas, e o “jardim” construído a estas muitas mãos. Ao mesmo tempo em que nos responsabilizamos pela manutenção, e revitalização constante, de tudo o que foi compactuado naqueles primeiros tempos.

“Sei que há léguas a nos separar”. Muitas/os das/os egressas/os daquelas primeiras turmas atuaram e/ou atuam espalhadas/os por toda a nossa região. Construindo uma educação acadêmica, calcada não apenas nas experiências práticas, mas também nos embasamentos teóricos, elevados pelos diálogos travados no modelo dos jardins de Academo. Alguns/mas daqueles/as que fizeram parte dessa história permanecem em nossa saudosa memória. O espaço e o tempo “separam”, mas essa separação funcionou também como forma de ampliação dos efeitos. As “sementes” foram espalhadas para novos “jardins”. Novos Academos foram formados.

“Sei também como é preciso, pá / Navegar, navegar”. Ao celebrar estes primórdios, reafirma-se o compromisso de continuar a “navegar”. Permanecer espalhando “sementes”, e portando os “cravos” de nossa pequena revolução. Cada nova edição da *Mal-Estar e Sociedade* não é mais do que um “cheirinho de alecrim”, que apazígua um pouco a “carência” de quem está de “cá”. Uma forma de manter vivo os diálogos mais diversos.

Convidamos a todas/os que fizeram, e fazem, parte de nossa “navegação” conjunta, a compartilhar o prazer da leitura deste número, e erguer conosco os seus “cravos”.

Abrimos esta edição com um conjunto de três artigos que tratam das questões práticas nas relações escolares, e dos problemas presentes nelas. Uma lembrança fortuita do quanto ainda é preciso “navegar”, para que as relações não se prendam aos meros formalismos formativos.

A partir dos resultados de seu trabalho de conclusão de curso, Bruna Fátima, sob a orientação e revisão do professor Jairo Barduni Filho, apresenta em: **Afetividades, emoções e**

relação professor-aluno: um estudo com artigos acadêmicos, uma análise das presenças e ausências da afetividade nas relações escolares.

Em um diálogo próximo às questões das afetividades, em: **Alunos portugueses do ensino básico e o desenvolvimento das suas competências e habilidades (socio)emocionais: inteligência emocional**, Ernesto Candeias Martins, demonstra como o menosprezo das variadas inteligências impacta no desenvolvimento das habilidades formalmente desejadas. Mostrando como o trabalho com a inteligência emocional afeta diretamente no aprendizado.

Ainda diante do desafio de manter esta coesão entre afetividades, competências (socio)emocionais e aprendizado, André Luiz Lockmann em: **A política educacional de atendimento aos estudantes da educação especial no ensino regular, tendo as salas recursos multifuncionais como ferramenta na perspectiva da inclusão**, discute a importância das salas recursos multifuncionais para a efetivação da inclusão, não apenas como discurso político-pedagógico. A manutenção destes espaços de formação é fundamental para romper a distância entre o discurso e a prática.

Um segundo grupo de três artigos representam necessidade de formação continuada, conforme presente na relação imediata com aquela primeira turma da UEMG-Barbacena. Os recursos a serem utilizados na educação estão em constante avanço, e o diálogo formativo não pode parar.

Silvia Cota Machado, Eriks Tobias Vargas, Christiano Otávio de Rezende Sena e Ivo de Jesus Ramos, em: **Aprendizagem multimídia: contribuições da Teoria Cognitiva para o ensino de Ciências da Natureza e suas Tecnologias**, embora partindo da área de Ciências da Natureza, aborda uma exigência geral de vincular as tecnologias disponíveis aos processos de aprendizado. Na era digital é impossível não se atentar a estas rápidas mudanças.

Ao mesmo tempo em que fornecem recursos fundamentais para o ensino, as novas tecnologias apresentam problemas novos a serem enfrentados. Patricia da Silva Coutinho e Rogério Cerqueira da Silva em: **Reescrevendo narrativas digitais: o TikTok como ferramenta educacional no combate ao Cyberbullying**, trabalham com as modificações e ampliações dos efeitos das práticas de bullying através dos espaços virtuais. Ao mesmo tempo em que fornecem possibilidades de combate a partir dos mesmos espaços que o causam. Uma reversão de contexto mais do que bem-vinda.

Ainda na compreensão do espaço virtual, Priscila Patrícia Moura Oliveira, Ana Carolina Nascimento dos Santos, Eduarda Aparecida da Silva, Grasielle Jaques Guimarães, Maria Antônia Porto da Costa, Stephanie Rosa Borges, Thiago de Oliveira Barreto, Valéria Cristina da Costa Neto, Adriano Márcio do Nascimento, em: **Percepções docentes sobre o uso**

das redes sociais pelos estudantes: impactos e desafios no contexto escolar, debatem a necessidade de uma formação crítica para um uso potencializado das redes sociais. Assim como presente no artigo anterior, não se trata de uma realidade que se possa, e deva, relegar. Trata-se de um problema que precisa ser enfrentado nas “navegações” atuais e futuras.

Da mesma forma que o espaço virtual representa desafios novos que ultrapassavam as discussões daquelas primeiras turmas, existem também novas temáticas e novas posturas que exigem a formação constante. Dentre estas novas exigências a compreensão de uma postura crítica da realidade que foi construída para nós é fundamental. Neste sentido, o grupo de três artigos seguintes tratam da reversão de uma formação colonialista.

Em: **Vivências Decoloniais na Formação Docente: Um diálogo entre o Programa Residência Pedagógica e a educação decolonial**, Andreia Souza e Janaína Assis, reforçam a necessidade de estar sempre com o “cravo” entre as mãos. A partir da experiência prática da Residência Pedagógica, as autoras debatem os impactos de uma decolonização necessária na nossa educação. Um processo no qual estamos apenas engatinhando nos últimos tempos, mas que reverberam as “sementes” deixadas por muitos de nossos antecessores locais.

Seguindo esta perspectiva, Solange da Silva em: **Descolonizar para Educar: reflexões Bibliográficas sobre Relações Étnico-Raciais na Educação Brasileira**, defende a posição de que a escola pode ser espaço de resistência e emancipação. Para tanto é necessário ouvir outras vozes, para além da formação eurocêntrica. Trazer e valorizar aquelas culturas que formam o nosso povo, mesmo que tenham sido silenciadas em um processo de embranquecimento da nação. Estar aberto ao diálogo com diversas vozes é parte formativa fundamental, não apenas para os educandos.

Ainda que com bases diversas, Inácio Mariz, Edgley Duarte e Samuel Nantes em: **Freud à Butler: o reconhecimento do sujeito e os limites da razão neoliberal**, questionam também o processo padrão adotado como formativo dos sujeitos. Os limites desta razão neoliberal são questionados para permitir as revisões que precisamos traçar na busca de uma educação aberta ao diálogo e comprometida com a emancipação.

Fechando a edição, Mayara Andressa Umbelino de Oliveira e Francisco Estácio Neto, em: **O estigma nas práticas de prevenção e cuidado ao HIV/aids**, reforçam a necessidade de romper com paradigmas caducos e estigmas preconceituosos no cuidado com pessoas. Enquanto Camila Cassia Alves Antunes e Carlos Manoel Lopes Rodrigues, em: **Fatores de Risco e de Proteção Psicossociais no Trabalho em Psicologia Hospitalar em Oncologia**, focam também no lado dos cuidadores e em sua fragilização diante de contextos desgastantes e pouco estruturados.

Estes dois artigos, em contextos diversos, tratam da integração entre aquele que carece de cuidado e aqueles que precisam se preparar para cuidar. Uma relação constantemente tensa, que reafirma os pontos iniciais desta edição em relação às afetividades, e ao quanto a teoria do cuidado nem sempre é amparada pelos recursos adequados. A “navegação” não pode ser um ato solitário, ela precisa estar preparada para erguer os “cravos” e denunciar os problemas que ainda atrasam o “navegar”.

A resenha de Geraldo Magela Rodrigues de Oliveira Neto, **Passados Presentes: uma resenha sobre fatos do passado que atormentam o presente e ameaçam o futuro**, encerra a edição com a produção de um egresso de Ciências Sociais, aluno de Serviço Social, tratando de um passado, que não pode ser esquecido, para que o futuro ainda tenha possibilidade de existir e resistir.

Mauro Rocha Baptista